

PLANTAS QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE ACAUÃ/RN: ENCONTRO DE SABERES E PRÁTICAS POPULARES TECENDO UMA ECOLOGIA DECOLONIAL

Isabelle Maria Mendes de Araújo¹

RESUMO

O quilombamento como prática de resistência ecológica e política, ultrapassa as barreiras históricas da escravidão colonial, indicando além da recusa à exploração, uma nova maneira de habitar a Terra. O enfrentamento à crise ecológica global, implica outras escritas de mundo e uma literatura com narrativas-florestas. O solo colonial e os corpos dos escravizados confundem-se em uma única Terra-Negra subjugada pelo colonialismo. Manter juntos ambientalismo, anticolonialismo e luta antirracista é a missão de uma ecologia decolonial. Neste horizonte, o presente trabalho aborda uma pesquisa-ação desenvolvida juntamente ao território quilombola de Acauã, no município de Poço Branco, Rio Grande do Norte, ao sistematizar plantas quilombolas, plantas e ervas medicinais populares da comunidade, ressaltando a importância dos saberes tradicionais e a preservação do vínculo entre a comunidade e os saberes ancestrais. A pesquisa foi realizada a partir de encontros com lideranças comunitárias, mulheres e jovens quilombolas de Acauã, através de grupos focais, tendo a questão da saúde e dos saberes tradicionais populares como norteadores. Para realizar a identificação das plantas, foi utilizado o aplicativo ‘PlantNet’, o qual permite reconhecer espécies de plantas por meio de fotos da flor, fruto ou folha, metodologia que promove engajamento e motivação de jovens em processos de aprendizagem sobre plantas, com a utilização de dispositivos virtuais e recursos tecnológicos. Também foram observados costumes de, além da, saúde mediados pelo encontro de saberes e ecologia de práticas. Os principais atores da catalogação e sistematização das plantas medicinais populares foram as jovens quilombolas, sementes para a construção de uma ecologia decolonial. Foi elaborada uma tabela sistematizando 22 plantas quilombolas da comunidade de Acauã/RN, associando-as ao respectivo nome científico, utilidade terapêutica relatada e usos adicionais a partir da literatura. Destaca-se que a sistematização desse conhecimento está intimamente ligada à memória e à cultura da comunidade.

Palavras-chave: Plantas medicinais, Ecologia de práticas, Pesquisa-ação.

INTRODUÇÃO

A luta pela terra não se caracteriza somente pela busca do direito ao território no seu significado geográfico e sim como um componente fundamental para a preservação da identidade e costumes étnicos vivenciados a décadas, que são transmitidos por gerações através de vivências coletivas (ALVES; PEDROZA; FURTADO, 2014). Tais costumes constituem saberes populares e tradicionais, além das manifestações por meio das danças, das músicas, dos artesanatos, pratos típicos. As plantas e ervas medicinais utilizadas no cuidado em saúde em comunidades tradicionais explicitam uma estreita relação dos povos tradicionais

¹ Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Rio Grande do Norte - UFRN, isabelle.mendes@ufrn.br.

com o meio-ambiente, com a natureza, fala também sobre seus costumes e ancestralidade (SANTOS, 2014).

A presente pesquisa abordou o uso de plantas medicinais populares, às quais chamamos de plantas quilombolas, utilizadas no cuidado em saúde no território quilombola de Acauã. Como a comunidade encontra-se em um cenário rural, há forte presença de práticas populares de utilização de plantas medicinais, cuja origem do conhecimento associa-se aos saberes ancestrais e troca de saberes. Destaca-se que a sistematização desse conhecimento está intimamente ligada à memória e à cultura da comunidade. A prática do uso das plantas medicinais tanto na cura física quanto espiritual faz parte das relações que a comunidade desenvolveu ao longo de séculos com a natureza, consigo mesma e com o mundo que a cerca. Os saberes e práticas de cuidado com a saúde, atrelados ao uso das plantas medicinais, dizem respeito à estreita relação existente entre aspectos socioculturais e ecológicos (SANTOS, 2014).

Ao lado do encontro de saberes, da ecologia de saberes e práticas, onde os conhecimentos e saberes científicos se aliam (CARVALHO, 2019) e dialogam respeitosamente com os saberes populares, dos povos tradicionais, há também a necessidade do debate sobre a decolonialidade, a contracolonização, com a crítica ao pensamento eurocêntrico, colonialista e às práticas espoliadoras e neoextrativistas.

Maldonado-Torres (2019), explica como se dá o processo do giro decolonial, no qual há a suspensão da lógica eurocêntrica. Para o autor, tal processo também passa por uma espécie de desapego estético, muito relacionado à mudança de pensamento; a decolonialidade possui relação direta com a 'emergência do condenado como pensador, criador e ativista', onde a crítica decolonial encontra base em um corpo-aberto, e é no giro estético decolonial, que se associa a distância de signos da colonialidade, como diferentes perspectivas da visão e sentido do mundo.

A pesquisa também aponta esses conceitos cujos objetivos confluem para dar voz aos que lutam e aos que constroem uma academia pautada nos saberes múltiplos, ou 'notórios saberes', como escreveu Carvalho (2019). Ressalta-se que os saberes tradicionais de saúde estão incluídos no Sistema Único de Saúde, como na Política Nacional de Educação Popular em Saúde e nas Práticas Integrativas e Complementares (PICS), a exemplo das erveiras, rezadeiras, e o uso popular da fitoterapia como uma alternativa possível de tratamento (BRASIL, 2016).

O presente artigo, portanto, traz a pesquisa-ação desenvolvida juntamente ao território quilombola de Acauã, localizado no município de Poço Branco, no Rio Grande do

Norte, ao sistematizar as plantas quilombolas da comunidade, com o protagonismo de jovens e mulheres quilombolas, pudemos conhecer mais sobre os costumes de saúde e ver o encontro de saberes realizar-se.

METODOLOGIA

O cenário escolhido para a pesquisa foi a comunidade quilombola de Acauã, que está localizada no município de Poço Branco, no agreste do Rio Grande do Norte, a 63 km de Natal/RN. Há cerca de 50 casas, também uma sede da Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã (AMQA) e uma Escola Municipal (ARGUEDAS, 2014). Esta comunidade é composta por pouco mais de 300 pessoas (em torno de 60 unidades familiares). Em Acauã existe apenas uma escola multisseriada, nenhuma unidade de saúde e poucas opções de lazer, existindo assim a necessidade de deslocamento de cerca de quatro quilômetros para o centro da cidade de Poço Branco.

É neste território que habita e pulsa a singularidade das narrativas de crianças, jovens e adultos, um lugar permeado de vontades e desejos, de cidadania e política. Ou seja, a territorialidade não traduz apenas uma relação com o meio: ela é uma relação triangular entre os atores sociais mediada pelo espaço (VINÍCIUS; CHRISTIANO; GUSTAVO, 2004). Ela também nos possibilita pensar nas concepções que esses sujeitos têm sobre as relações sociais e como o território é utilizado pelos povos tradicionais e a preservação da memória e da cultura.

Esta comunidade, segundo Arguedas (2017), vivenciou processo de construção etnopolítica articulando-se com outras comunidades quilombolas do Rio Grande do Norte para demarcação de suas terras pelo INCRA. A territorialidade quilombola em Acauã, além de configurar-se através das atividades cotidianas de trabalho e reprodução material da vida (agricultura, pecuária, pesca, atividades domésticas, trabalhos remunerados fora da comunidade), está atravessada por essa luta em busca do reconhecimento, com um forte conteúdo político-identitário antirracista.

Para Ferdinand (2022), o antirracismo e a crítica decolonial são as chaves para uma luta ecologista. É a partir do convés da justiça que se pode projetar no futuro um horizonte do mundo, um fazer-mundo, acompanhado pela interrupção das relações misóginas, de racismos e de injustiças sociais, o navio-mundo deve ser movido pelas lutas do ontem e do hoje, permitindo desenhar o horizonte de um novo amanhã.

Grupos focais

A pesquisa foi realizada a partir de encontros com lideranças comunitárias, mulheres e jovens quilombolas de Acauã na AMQA, por meio do desenvolvimento de grupos focais, entre novembro de 2022 e abril de 2023, tendo a questão da saúde e dos saberes tradicionais populares como norteadores do grupo.

O grupo focal consiste em uma técnica de pesquisa que utiliza materiais de estímulo, comumente dinâmicas, para fomentar e sustentar discussões em grupo, que permitam o intercâmbio de saberes e experiências entre os participantes. Nesse sentido, valendo-se daqueles materiais, foram realizadas, inicialmente, perguntas norteadoras e, a seguir, houve o aprofundamento, direcionando os grupos para o foco da pesquisa (PRATES, 2015). De acordo com Backes (2011), o grupo focal representa uma técnica de coleta de dados e fonte que intensifica o acesso às informações acerca de um fenômeno, seja pela possibilidade de gerar novas concepções ou pela análise e problematização de uma ideia em profundidade. Desenvolve-se a partir de uma perspectiva dialética, na qual o grupo possui objetivos comuns e seus participantes procuram abordá-los trabalhando como uma equipe. Nessa concepção, há uma intencionalidade de sensibilizar os participantes para operar na transformação da realidade de modo crítico e criativo.

No primeiro grupo focal realizado com jovens e mulheres quilombolas foi discutido quais eram as demandas e as potencialidades que eles enxergavam na comunidade, um dos pontos que mais chamou atenção foram os saberes ancestrais, repassados entre as gerações. Na reunião seguinte foi realizada uma dinâmica nomeada de mapeamento cultural, a fim de compreender quais saberes populares em saúde mais se faziam presentes em Acauã, como resultado, as plantas quilombolas e seus usos medicinais se destacaram e foram citados inúmeros exemplos de uso, sendo um dos produtos da pesquisa-ação: a sistematização de plantas quilombolas e de costumes de saúde, que serão expostos posteriormente na Tabela 1.

Os saberes populares intrínsecos às comunidades tradicionais, como as quilombolas, se caracterizam como constituintes das relações sociais, de transmissão do conhecimento ancestral entre as gerações e da afirmação da identidade por meio de vivências cotidianas. Destaca-se que o uso das plantas medicinais e da fitoterapia tem apresentado um crescimento notório desde o início do século XXI e está inserida nas PICS (BRASIL, 2016), ofertadas pelo SUS como forma de promoção e recuperação da saúde.

A partir dos grupos focais, os participantes da pesquisa-ação levantaram na comunidade as plantas e ervas medicinais utilizadas, através de conversas com os familiares

mais velhos, registrando em fotografias e em desenhos as plantas quilombolas. Pudemos, a partir disso, organizar e sistematizar uma planilha com os dados levantados.

Identificação e sistematização das plantas quilombolas

Para realizar a identificação das plantas, foi solicitado que utilizassem o aplicativo ‘PlantNet’, o qual permite reconhecer espécies de plantas por meio de fotos da flor, fruto, folha, metodologia que permite maior engajamento e motivação de jovens em processos de aprendizagem sobre plantas, com utilização de dispositivos virtuais e recursos tecnológicos (KRALEVA, 2016).

Feito isso, foi solicitado o registro em fotografias pelo celular das plantas que encontrassem, ou em desenhos. Também foram observados costumes de, além da, saúde mediados pelo encontro de saberes.

Com a experiência de sistematização, realizamos a organização da planilha com as plantas quilombolas e sua interface com a literatura científica. Assim, listamos 22 plantas, conforme Tabela 1, organizada em quatro colunas: nome popular das plantas quilombolas de Acauã/RN, nome científico, utilidade relatada (pelos moradores) e utilidades adicionais a partir da literatura.

A presente pesquisa teve parecer favorável, segundo a Resolução 466/2012-CNS, pelo CEP/UFRN, número do parecer: 5.986.889/2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente a comunidade quilombola de Acauã é formada por famílias que foram afetadas com a construção da barragem da cidade de Poço Branco/RN, tendo sua construção deliberada em meados de 1950 e concluída no ano de 1969. Com a conclusão da barragem se fez necessário a remoção da comunidade ribeirinha do Rio Ceará-Mirim em virtude do grande volume da barragem, essas famílias foram realocadas cerca de 1Km do seu espaço de origem. A comunidade se autorreconheceu quilombola perante a Fundação Cultural Palmares (FCP), e requereu o reconhecimento em 24 de agosto de 2004. Iniciava-se, assim, o processo de regularização das terras tradicionais (ARGUEDAS, 2017).

O quilombamento como prática de resistência ecológica e política, ultrapassa as barreiras históricas da escravidão colonial, indicando além da recusa à exploração, uma nova maneira de habitar a Terra. O enfrentamento à crise ecológica global, implica outras escritas de mundo e uma literatura com narrativas-florestas. O que acontece com a Terra, com os

solos, com as águas e com as florestas repercute no próprio corpo dos humanos, assim como em suas condições de vida sociais e políticas, e vice-versa. O solo colonial e os corpos dos escravizados confundem-se em uma única Terra-Negra subjugada pelo colonialismo. Manter juntos ambientalismo, anticolonialismo e luta antirracista é, pois, a missão de uma ecologia decolonial (FERDINAND, 2022).

Tendo isso em vista, o protagonismo da comunidade e o interesse dos jovens e das mulheres da comunidade no desenvolvimento em colaborar com a pesquisa-ação, os grupos focais foram construídos coletivamente. Os principais atores da catalogação e sistematização das plantas medicinais foram os jovens quilombolas, sementes para a transformação e construção de uma ecologia decolonial. A Tabela 1 apresenta as plantas quilombolas da comunidade de Acauã/RN, além do respectivo nome científico, utilidade terapêutica relatada e usos adicionais a partir da literatura.

Tabela 1 - Sistematização das plantas quilombolas da comunidade de Acauã, Poço Branco, Rio Grande do Norte, 2023.

Plantas quilombolas	Nome científico	Utilidade relatada	Usos adicionais a partir da literatura
Agrião	<i>Nasturtium Officinale</i>	Tratamento de gripe, controlar os hormônios, prevenir doenças cardíacas, reduzir pressão arterial, prevenir anemia, fortalecer os ossos e músculos e combate ao câncer	Propriedades descongestionantes, digestivas, diuréticas e antioxidantes, estimula a produção de enzimas digestivas e melhora o fluxo da bile, ajuda a prevenir infecções respiratórias, urinárias, anemia, inflamações, pressão arterial elevada e ajuda na saúde da pele e na saúde dos ossos
Alecrim	<i>Salvia rosmarinus</i>	Tratamento de sinusite	Alívio das dores de cabeça, é digestivo e combate ao cansaço
Ameixa	<i>Prunus subg. Prunus</i>	Tratamento de gastrite e corrimentos, também se utiliza (caule em pó) para cicatrização	Ajuda na baixa de glicose e colesterol, prevenção de anemia e auxílio na perda de peso
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Alívio de cólicas e dores de ouvido	Ações anti-inflamatórias e circulatórias
Babosa	<i>Aloe vera</i>	Benéfica para cicatrização, aliviar	Ações inseticidas, aromáticas, imunoestimulante, anti-

		prisão de ventre e prevenir cáries. Também se utiliza para beleza	microbiana, antiviral e anti-inflamatórias
Cabacinha	<i>Luffa operculata</i>	Tratamento de rinite e sinusite (uso não indicado para gestante, por ser abortivo)	Funções expectorantes e anti-inflamatórias
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>	Alívio do estresse e fortalecimento da mente	Alívio de distúrbios gastrointestinais, como dores e úlceras
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	Digestão e o combate a gripes, também serve como calmante	Auxílio no tratamento da hipertensão arterial, efeitos calmantes, antiespasmolítico, analgésico e ação conjunta boa a antibióticos
Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	Melhora a qualidade do sono, ajuda em aliviar a ansiedade e ainda a controla problemas digestivos, agindo na diminuição de cólicas e gases	Tem efeito calmante, propriedades anti-inflamatórias, ajuda na digestão e no alívio de desconfortos gastrointestinais, possui propriedades antioxidantes e antivirais que pode ajudar contra surtos de herpes
Folha de laranja	Laranja: <i>Citrus x sinensis</i>	Propriedades semelhantes a camomila de diminuir o estresse (chá)	Benéfico para diminuir insônia, estresse e ansiedade
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>	Alívio da dor de barriga	Auxilia digestão, prevenção de diarreias e dores estomacais
Jurema	<i>Mimosa tenuiflora</i>	Tratamento de queimaduras e efeito alucinógeno (chá)	Efeito antimicrobiano, analgésico e regenerador
Laranja amarga	<i>Citrus x aurantium</i>	Ações digestivas	Ações febrífugas, antirreumáticas, antissépticas e antiescorbúicas
Limão	<i>Citrus Limon</i>	Controla pressão arterial, protege os vasos sanguíneos, fortalece o sistema imune, combate anemia e as folhas agem como calmante suave	Fonte de vitamina C, ação alcalinizante melhorando a acidez do intestino, ajuda a prevenir infecções, propriedades antioxidantes, ajuda na anemia, hipertensão, resfriados e gripes

Louro	<i>Laurus nobilis</i>	Alívio da dor de barriga, além da utilização para temperos. Pode ser usado inteiro, seco ou fresco ou moído	Propriedades anti-inflamatórias, diuréticas e analgésicas
Margaridão	<i>Tithonia diversifolia</i>	Previne as sensações causadas pela abstinência de agentes químicos	Anti-inflamatório, antioxidante, usada para tratar malária, ajuda a diminuir danos hepáticos causados por químicos, tratamento de feridas e dores e redução de açúcar no sangue, entretanto essa planta ainda está passando por mais testes para confirmação desses benefícios e seu uso pode gerar efeitos colaterais
Mel com limão	<i>Citrus limon</i>	Benéfico para crises de garganta	Combate a gripes, tosses e resfriados
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i>	Aliviar efeitos da diabetes, tratar estômago, trata problemas respiratórios e de pele, além de reumatismo	Ajudam na sensibilidade à insulina e diminui a absorção de glicose, ajuda no colesterol alto, na saúde da pele e possui propriedades anti-inflamatórias e antioxidantes
Muricí	<i>Byrsonima crassifolia</i>	Alívio da dor de barriga	Combate a tosse e bronquite, além do tratamento de diarreias
Pinhão-roxo	<i>Jatropha gossypifolia L.</i>	O leite (seiva) é cicatrizante. É também utilizado para benzer feridas da alma. Trata dor de cabeça	Tratamento de reumatismo, úlceras, hipertensão, dentre outros
Romã	<i>Punica granatum</i>	Ajuda a melhorar o sistema imunológico, cujo chá também melhora a saúde da garganta. A casca da romã é rica em antioxidantes, anti-inflamatórios e ajuda a prevenir agravos cardiovasculares. É relatado que os antigos usavam a camada externa das sementes para	Ajuda a preservar danos nos vasos sanguíneos e inflamações, o suco pode ajudar a diminuir a hipertensão, ajuda o sistema imunológico por ser rico em vitamina C, possui propriedades anti-inflamatórias, diminui o estresse e aumenta a oxigenação do cérebro, pode prevenir câncer e ajuda na digestão e problemas como diarreia

		prevenção de catarata	
Xanana	<i>Turnera Subulata</i>	Tratamento de asma	Tratamento de bronquite, propriedades antidepressivas e digestão

Fonte: Elaboração própria. 'De A a Z: Enciclopédia das Plantas Mediciniais' (2020).

A tabela apresentada evidencia a sistematização de 22 plantas quilombolas medicinais da comunidade de Acauã, baseada em costumes tradicionais e saberes ancestrais em diálogo com saberes científicos.

Freire (1967), contrário à educação alienante e massificadora, aponta como horizonte a educação como prática de liberdade, ou seja, uma educação onde o homem(mulher)-sujeito é o foco, com caráter descolonizador. Nesse sentido, emerge a necessidade da construção de um saber democrático, que alia o encontro de saberes, citado por Carvalho (2019), e o complementa atemporalmente. Freire (1967) refere-se, ainda, a uma educação que levasse o homem, a mulher, a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço, no conceito do 'eu me maravilho', ao invés da exclusividade de reproduzir, com contínua mudança nas ações e atitudes.

Freire discute que os quilombos foram um momento exemplar para um aprendizado de rebeldia, de reinvenção da vida, de assumir a existência e a história das escravizadas e escravizados que, da 'obediência necessária', partiram em busca da invenção da liberdade (FREIRE, 1967).

Além disso, no sentido de preservar os saberes sobre as plantas medicinais locais e usando o conhecimento sobre elas para estimular a preservação ambiental, Ruppelt (2022) observa que plantas são usadas há séculos pelas comunidades tradicionais e têm sido, muitas vezes, o único recurso terapêutico acessível à população. Com isso, fortalece ainda mais o uso sustentável desses recursos na comunidade, transformando-os em elementos estratégicos para a preservação e conservação da flora, ao gerar oportunidades de uso na vida dos quilombolas de Acauã.

Dessa forma, emerge a necessidade de restabelecer a relação do ser humano e seu pertencimento ao meio ambiente, fortalecendo vínculos com a natureza e equilíbrios biossociais na função homem-ambiente, juntamente com a educação ambiental, promovendo o sujeito ecológico (RUPPELT, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos o papel da pesquisa-ação como fundamental para criar uma relação horizontal entre comunidades, cidadãos, estudantes e Universidade. Lugar de oportunizar, democratizar e refletir sobre os conhecimentos que estão sendo desenvolvidos dentro da academia e para além dela principalmente. A pluralidade de saberes e a rede colaborativa de práticas *in loco* fortalecem vínculos, seja para o desenvolvimento comunitário, seja para a construção de processos de aprendizagem coletivos. Pensando nos aspectos dialógicos, podemos colaborar com a comunidade na sistematização dos saberes sobre as plantas quilombolas que remontam o cuidado com o território e a preservação da memória ancestral, tecendo estratégias comunitárias para uma ecologia decolonial.

REFERÊNCIAS

ALVES, C.; PEDROZA, R.; FURTADO, M. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**. n. 26, p. 106-115, 2014.

ARGUEDAS, A. Identidade étnica, movimento social e lutas pelo território em comunidades quilombolas: o caso de Acauã (RN). **Geographia**, Niterói, 19(39), p.70-84, 2017.

ARGUEDAS, A. Território para viver. **Dinâmicas territoriais da comunidade quilombola de Acauã, Poço Branco, Rio Grande do Norte**. Dissertação (Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

BACKES, D. *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, 35(4), 2011.

BRASIL. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

CARVALHO, J. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: Maldonado-Torres, N.; Grosfoguel, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. 1ª ed. Ubu Editora, 2022.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz E Terra, 1967.

KRALEVA, R. Investigating the opportunities of using mobile learning by young children in Bulgaria. **International Journal of Computer Science and Information Security**, 14(4), p. 51–55, 2016.



MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: MALDONADO-TORRES, N., GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. São Paulo: Autêntica, 2019.

PRATES, L. A. et al. A utilização da técnica de grupo focal: um estudo com mulheres quilombolas. **Cadernos de saúde pública**, v. 31, n. 12, p. 2483–2492, 2015.

RUPPELT, B. Plantas medicinais nativas brasileiras: por que conservar e preservar?. **Rev. Fitos** [Internet]. p. 154-155, 2022.

SANTOS, L. Ecologia de saberes: a experiência do diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional na comunidade quilombola da Rocinha. **Tempus, actas de saúde colet.**, Brasília, 2014.